



Dossier

SABEDORIA · COERÊNCIA · VISÃO

Gonçalo Ribeiro Telles Um Homem de Serviço

UMA INICIATIVA



CENTRO
NACIONAL
DE CULTURA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



1. Abertura

Portugal, a sociedade civil, a Universidade portuguesa e sobretudo as nossas paisagens muito devem a Gonçalo Ribeiro Telles.



POR
Emílio Rui Vilar

Presidente do C.A. da Fundação Calouste Gulbenkian à data do evento

Conheci o Gonçalo Ribeiro Telles nos idos de 1969, quando acolheu no seu atelier uma reunião, das várias que então se foram realizando, para preparar o que viria a ser a SEDES. Juntando católicos que vinham da experiência da Pragma (encerrada em 1967 pela PIDE) e da cooperativa CODES, animados pelo espírito pós-conciliar, e não católicos, que recusavam as alternativas propostas pelos comunistas e pela oposição tradicional, herdeira da primeira república e liderada pela então Acção Socialista, a SEDES era um conjunto heterogéneo mas que procurava uma forma de intervenção cívica, em pluralidade ideológica e sem metodologias rígidas mas numa solidariedade colectiva, que contribuísse para as transformações que todos considerávamos necessárias e urgentes para a sociedade portuguesa.

Gonçalo Pereira Ribeiro Telles, arquitecto paisagista, é o 86º dos subscritores do requerimento pedindo a aprovação dos estatutos da associação que, em 25 de Fevereiro de 1970, foi dirigido ao Prof. Marcelo Caetano, Presidente do Conselho de Ministros.

Militante de muitas causas e de uma generosa disponibilidade, Gonçalo Ribeiro Telles foi eleito na primeira Assembleia-Geral da SEDES (12.12.70) membro da Comissão de Verificação de Contas!

Depois da SEDES, voltámos a encontrar-nos no I Governo Provisório e por lá andámos os dois até sermos defenestrados a seguir ao 11 de Março de 1975. Lembro-me muito bem que logo no início, quando surgiram as primeiras dificuldades, com as divergências entre o Primeiro-Ministro Palma Carlos e a Coordenadora do MFA, o Gonçalo Ribeiro Telles ter alertado, numa reunião de Secretários de Estado: “Nós nunca devemos demitir-nos de nada. Se quiserem, eles [os militares] que o façam e assumam a responsabilidade.”

Recordo também que, já no II Governo Provisório, foi necessário rever a Lei da Caça e que, como Ministro da Economia, tive que preparar o projecto. As discussões com Gonçalo Ribeiro Telles não foram fáceis, entre a pressão dos caçadores, também eles “libertados” pelo 25 de Abril, e as preocupações de protecção dos ecossistemas. Foi no

DOSSIER

6 DE DEZEMBRO DE 2011
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN • AUDITÓRIO 2



SABEDORIA, COERÊNCIA, VISÃO:
**GONÇALO
RIBEIRO
TELLES**

Um homem de serviço

ORGANIZAÇÃO
AURORA CARAPINHA

ENTRADA LIVRE



09h30

Abertura

Guilherme d'Oliveira Martins
Presidente do Centro Nacional de Cultura

Emílio Rui Vilar

Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

10h00

O HOMEM

António Barreto • Eduardo Lourenço
Guilherme d'Oliveira Martins

11h15

Pausa café

11h35

O POLÍTICO

Augusto Ferreira do Amaral • Luís Coimbra
Diogo Freitas do Amaral

13h00

Intervalo para almoço

14h30

O PROFESSOR

Carlos Braumann • Aurora Carapinha
Ário Lobo de Azevedo

15h30

Pausa café

15h50

O VISIONÁRIO

Manuela Raposo Magalhães
Nuno Portas • Margarida Cancela d'Abreu
Viriato Soromenho Marques

17h10

Depoimentos

Dom Duarte de Bragança • Miguel Sousa Tavares*
Pedro Roseta • Maria Calado • Alberto Vaz da Silva

17h45

Apresentação da Fotobiografia
de Gonçalo Ribeiro Telles (Ed. ARGUMENTUM)

Fernando Pessoa • Alexandre Cancela d'Abreu

18h00

Encerramento

Mário Soares • Gonçalo Ribeiro Telles

*A CONFIRMAR

UMA INICIATIVA:



CENTRO
NACIONAL
DE CULTURA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

Buçaco que o general Spínola, de férias, arbitrou e aprovou a versão final. No Governo da Aliança Democrática, Gonçalo Ribeiro Telles foi ministro de Estado e, nessa qualidade, voltou à SEDES para, em representação do Governo, presidir ao encerramento do primeiro Congresso que assinalou o décimo aniversário da Associação, em 27 de Fevereiro de 1982.

Gonçalo Ribeiro Telles foi, com Vianna Barreto, o autor do projecto de concepção e criação dos jardins da Fundação. É unanimemente reconhecido como um trabalho exemplar de articulação, em que os espaços construídos, arquitectura e paisagem jogam o jogo da serenidade tranquila e da surpresa, da orla e da clareira, da luz e da sombra. Como escreve a Arqt.^a Ana Tostões (*in* Fundação Calouste Gulbenkian, Os Edifícios. 2006):

« (...) O Jardim Gulbenkian é a confirmação de uma apurada sensibilidade estética e de um modo humanizado de ver o mundo capaz de potenciar as qualidades da arquitectura através da paisagem. Uma paisagem que trabalha com as memórias do lugar, construindo o «elo entre matéria e ideia» como um todo orgânico e biológico «porque a reciprocidade é a lei fundamental da natureza». Citações do próprio Gonçalo Ribeiro Telles.

A sua relação com a Fundação veio a conhecer um momento de grande tensão quando, em 1980, foi decidido construir o Centro de Arte Moderna e dar-lhe a implantação que hoje tem. No próprio Conselho da Fundação houve vozes discordantes, mas Azeredo Perdigão tinha pressa e louvou-se na falta em Portugal de um museu de arte do séc. XX, que só a Fundação podia levar a cabo e no nome do arquitecto escolhido – já sem qualquer concurso como nos primeiros edifícios – Sir Leslie Martin, reputado arquitecto da escola de Cambridge e que tinha feito parte do grupo de consultores iniciais.

Gonçalo Ribeiro Telles advogava a construção noutro local ou, quando muito, a implementação lateral, junto a uma das ruas envolventes, não cortando o eixo norte-sul do parque de St.^a Gertrudes. Azeredo Perdigão chegou a negociar a compra do remanescente do parque mas acabou por adquirir apenas um talhão.

A polémica chegou à imprensa, com

artigos notáveis de Francisco Sousa Tavares e Pedro Vieira de Almeida, e à própria Assembleia da República, onde o partido Popular Monárquico apresentou um projecto de lei visando classificar o parque de interesse público para impedir a construção do novo edifício.



Gonçalo Ribeiro Telles tem tido razão antes do tempo. Lembrem-se, por exemplo, os seus alertas para a construção em leito de cheias e a crescente impermeabilização dos solos. Nem sempre tem sido possível acompanhá-lo.

Gonçalo Ribeiro Telles afastou-se e cortou relações com Azeredo Perdigão e, consequentemente, com a Fundação.

Recordo, porque convém que conheçamos o percurso deste assunto, que Sommer Ribeiro tinha preparado um anteprojecto muito menos intrusivo que o de Sir Leslie Martin. Era um conjunto de corpos ligados por corredores envidraçados, um pouco à maneira do Museu Louisiana de Copenhaga.

Em nome da arquitectura e da paisagem, temos que reconhecer que as propostas de Gonçalo Ribeiro Telles e mesmo a de Sommer Ribeiro não afectavam a unidade histórica e orgânica do parque, nem a sua lógica estética e paisagística. Mas não se pode reescrever o passado. As instituições têm que ser capazes de ganhar distância em relação ao seu próprio passado e compreender o quadro circunstancial de muitos pontos da sua história que não foram consensuais. Neste, como

noutros casos, Gonçalo Ribeiro Telles tem tido razão antes do tempo. Lembrem-se, por exemplo, os seus alertas para a construção em leito de cheias e a crescente impermeabilização dos solos. Nem sempre tem sido possível acompanhá-lo.

Uma das minhas primeiras preocupações foi pedir a Gonçalo Ribeiro Telles que voltasse à Fundação e se ocupasse da renovação dos jardins, que o crescimento e a inevitável idade das espécies aconselhavam a ter em conta. Igualmente os percursos tinham que se adaptar às pessoas com mobilidade reduzida, bem como havia que olhar com mais prudência para os custos de manutenção.

Desde 2000 que Gonçalo Ribeiro Telles dirige o projecto de renovação com a maestria de sempre. Todavia, tivemos a felicidade de, em 2005, graças a um acordo com a Senhora Condessa de Villalva, adquirir o remanescente sul do parque. Assim, fica salvaguardada a unidade da velha Quinta de Palhavã e vai ser possível estudar novas acessibilidades e eventualmente um novo relacionamento do CAM com os jardins.

Espero que quando tal acontecer, se respeite o quadro de princípios de Vianna Barreto e de Gonçalo Ribeiro Telles. A cidade tem um jardim exemplar, os estudiosos da arquitectura e do paisagismo um excelente “case study”. A Fundação, a cidade e os que visitam, passeiam e estudam no jardim, todos lhe estamos gratos.

Referi, da minha experiência pessoal, aspectos de duas dimensões da personalidade de Gonçalo Ribeiro Telles: a do homem de princípios e convicções e cidadão comprometido e interveniente; a do profissional e mestre da arquitectura paisagista. Estas e outras, como professor de muitas gerações, e como visionário, vão ser objecto dos testemunhos que ao longo deste dia tantos amigos e admiradores do Gonçalo Ribeiro Telles aqui vão trazer.

Portugal, a sociedade civil, a Universidade portuguesa e sobretudo as nossas paisagens muito devem a Gonçalo Ribeiro Telles. Pioneiro e activista que nunca desistiu, na luta sem tréguas por uma relação saudável e equilibrada do homem com a natureza, pela preservação dos ecossistemas e da biodiversidade, Gonçalo Ribeiro Telles é um exemplo merecedor da nossa homenagem e digno da nossa admiração.■